

9 | COMPORTAMENTO DAS EXPORTAÇÕES DA BAHIA 2002/2003: O ESPELHO DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS

Vera Spínola*

Maria Teresa Franco Ribeiro**

Resumo

Este artigo se propõe a fazer uma reflexão sobre as mudanças recentes na pauta de exportações do estado da Bahia e sua relação com o processo de industrialização local. Primeiramente introduz-se a concepção de pauta de exportações como um dos instrumentos importantes de avaliação da competitividade de um sistema econômico. Visa-se também a investigar se a questão levantada pela Profa. Maria da Conceição Tavares (2003) sobre a tendência das relações de troca favoráveis às *commodities*, pode ser verificada na pauta de exportações da Bahia de 2002/2003. Com motivação em um estudo da Fundação de Comércio Exterior – Funcex, que mostra a variação da rentabilidade das exportações brasileiras por categoria de produtos entre 2002 e 2003, calculou-se a variação do valor médio FOB, em dólar, por segmento exportador da Bahia, a partir de dados estatísticos da Secretaria de Comércio Exterior – Secex, entre 2002 e 2003, para verificar se as variações de preços foram mais favoráveis aos produtos agrícolas ou aos industriais. Procurou-se estabelecer um paralelo entre os produtos exportados e o processo de industrialização ocorrido no Estado nos últimos anos, além de tentar identificar as principais cadeias produtivas. Por fim, discutem-se os avanços do agronegócio e a importância do desenvolvimento tecnológico para sua expansão.

Palavras-chave: Pauta de exportações. Bahia. indústria. Relações de troca. Comércio Exterior. Agronegócio

* Mestre em Economia pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA; pesquisadora da Escola de Administração da UFBA; professora da UNIFACS; técnica da Desenbahia. E-mail: vspinola@uol.com.br

** Doutora em Economia pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IE/UFRJ, professora e pesquisadora da Escola de Administração da UFBA, pesquisadora e consultora na área de política de inovação, competitividade/desenvolvimento. E-mail: mariatfr@uol.com.br; mariatfr@ufba.br

Abstract

The purpose of this paper is making some insights on the recent changes undergone by the export sector of the state of Bahia/Brazil, as well as its link with the local industry. At first, it defines the export roster as a tool to evaluate the competitiveness of an economic system. It's also meant to investigate whether the issue raised by Professor Maria da Conceição Tavares on the current trend of the terms of trade to be favorable to the commodity goods, can be verified on the exports of the state of Bahia over the period 2002/2003. This study was also motivated by a work done by the *Fundação de Comércio Exterior – Funcex* (Foundation of Foreign Trade of Brazil) that demonstrates the declining profitability of Brazilian exports, by product category, between 2002 and 2003. In considering Bahia exports, it was calculated the variation of the average FOB value in US\$ dollars by product category, based on statistics data from the *Secretaria de Comércio Exterior, Secex* (Department of Foreign Trade of Brazil), between 2002 and 2003, in order to check whether the price variation were more favorable to the agricultural or to the industrial products. The work also tries to make a parallel between the exported products and the process of industrialization that has been taking place in Bahia lately. Its main product chains were identified. The technological advances of the agro-business were discussed, since their products were determinant to the good performance of the export sector.

Key words: Export roster. Bahia. Brazil. Industry. Terms of trade. International trade. Agro-business.

Introdução

No artigo intitulado Breve Referencial Teórico, Teixeira (1993) inclui o Comportamento das Exportações como um dos indicadores de competitividade de um sistema econômico. De fato, o crescimento e a composição da pauta de exportações podem se configurar como uma amostra da indústria de determinado local. Teixeira (1993) aponta também as limitações destes indicadores pois, em uma análise pontual, fica difícil separar os fatores conjunturais de mercado das forças competitivas estruturais. À luz das observações de Teixeira, faz-se uma análise geral do comportamento da pauta de exportações do Brasil e, em particular, do estado da Bahia, no período 2002/2003. Faz-se, também, uma estimativa da receita gerada por unidade de produto exportado por categoria de bens em 2003, em relação a 2002.

A pauta de exportações também possibilita a identificação de segmentos formados por pequenas empresas, com potencial exportador, onde intervenções institucionais podem contribuir para a organização de arranjos produtivos e estimular o desenvolvimento local. Para um estudo mais aprofundado e

superação das limitações dos indicadores utilizados seria necessário se fazer análise de uma série histórica. A presença de determinados bens, produzidos por pequenas e médias empresas, na pauta de exportações, por longos e consecutivos períodos, poderá sinalizar segmentos com vocação exportadora, independente de influências conjunturais.

O crescimento sustentável e a diversificação das exportações têm sido apontados como um importante instrumento de política industrial e aumento da competitividade do país. Estudos recentes (BAUMANN, 2001) constataam que a pauta exportadora brasileira aponta um forte componente de produtos intensivos em recursos naturais, com elevada vulnerabilidade externa, e a existência ainda tímida dos segmentos que apresentam maior conteúdo tecnológico e crescimento da demanda internacional. Ressalta-se, ainda, a presença significativa de empresas transnacionais no parque industrial, cuja decisão de investir e exportar estão subordinadas às estratégias globais de suas casas-matrizes.

Um dos fatos marcantes dos últimos anos foi a expansão do agronegócio. Este é o setor da economia que mais tem contribuído para a formação do saldo da balança comercial do país: em 2002, respondeu por 41,15% das exportações. A análise das informações sobre a balança do agronegócio revela que, além da conquista de novos mercados como China, Rússia, países do Oriente Médio, Chile e Indonésia, novos produtos vêm ocupando papel de destaque, como as exportações de carne bovina e suína (GASQUES et al, 2004).

O ano de 2003 pode ser considerado como excepcional para os segmentos exportadores do Brasil, quando a balança comercial apresentou superávit de US\$ 24,82 bilhões. O país atingiu, nesse ano, o maior volume de exportações de sua história, US\$ 73 bilhões, com uma expansão de 21,08% em relação a 2002. Esse comportamento também se verificou na Bahia, cujas exportações cresceram 35% em relação a 2002, com uma ampla diversificação e presença significativa dos produtos do agronegócio.

O bom desempenho das vendas externas pode ser atribuído aos seguintes fatores: 1) crescimento da safra agrícola brasileira coincidente com a quebra da colheita, principalmente da soja, nos Estados Unidos; 2) aumento da demanda mundial por grãos, graças às maciças compras efetuadas pela China; 3) elevação dos preços internacionais das *commodities* agrícolas; 4) recuperação das exportações para a Argentina, maior parceiro comercial do Brasil no Mercosul; 5) expansão das vendas externas de manufaturados, como alternativa à retração da demanda interna; 6) esforço conjunto do empresariado e do governo para a conquista de novos mercados, a exemplo da China, que aparece como segundo maior importador de produtos brasileiros depois dos EUA; 7) ação da Agência de Promoção das Exportações do Brasil (Apex) na fixação da marca do País, que proporcionou a participação de 8,196 mil empresas brasileiras de pequeno e médio porte em 410

eventos no exterior, entre feiras, missões comerciais, projetos compradores e vendedores. Estima-se que o valor total exportado pelas pequenas e médias empresas brasileiras tenha atingido US\$ 398,7 milhões em 2003 (PROMO, 2004). O corrente estudo está organizado em seis itens, incluindo esta introdução. O segundo apresenta a formulação da questão levantada pela Professora Maria da Conceição Tavares (TAVARES, 2003), sobre as relações atuais de trocas internacionais e a metodologia utilizada para sua investigação. O terceiro item trata do comportamento das exportações brasileiras, com base no estudo da Funcex (2004b) e dos princípios desenvolvidos por Prebisch (2000), sobre as relações de troca entre os países centrais e periféricos. O quarto item discorre sobre o setor exportador da Bahia no período 2002/2003 e configura-se como o núcleo do trabalho. Está dividido em três subitens: o primeiro trata do processo de industrialização do estado da Bahia à luz das reflexões de Geschenkron (FERNANDES, 1999) e apresenta os principais segmentos exportadores, com a variação de seus respectivos valores médios FOB de exportação, entre 2002 e 2003; o segundo subitem identifica algumas cadeias produtivas encontradas na indústria baiana através da pauta de exportação; o terceiro subitem discorre sobre a importância do desenvolvimento tecnológico para a expansão do agronegócio. Para concluir, no quinto item tecem-se considerações finais e, no sexto, listam-se as referências bibliográficas.

Formulação da questão e metodologia de investigação

Ao analisar o comportamento recente da economia brasileira a Professora Maria da Conceição Tavares (2003) aponta os elementos que distinguem o atual processo de internacionalização daqueles observados em etapas anteriores do capitalismo. Chama a atenção para os efeitos assimétricos desse movimento sobre as economias periféricas. Segundo esta autora, a brutal concorrência internacional entre os produtos manufaturados fez com que houvesse uma deflação de preços industriais. As relações de troca acabaram favorecendo as *commodities* agrícolas, as matérias-primas. Segundo Tavares (2003), isto é uma anormalidade do ponto de vista da teoria centro-periferia, cujo mentor foi o economista argentino Raul Prebisch.

O presente artigo visa refletir sobre as transformações recentes da pauta de exportação da Bahia, seguindo a mesma tendência daquela do Brasil, e, à luz das observações de Tavares (2003), bem como dos princípios desenvolvidos pelo próprio Prebisch (2000) e pelo economista Gerschenkron (FERNANDES, 1999), discute-se a sustentabilidade desse processo e os desafios para a sua manutenção.

Será que a questão levantada pela Profa. Maria da Conceição Tavares (2003) sobre as relações de troca favoráveis às *commodities* pode ser verificada na pauta de exportações da Bahia de 2002/2003? Qual a variação da receita

gerada por unidade de produto exportado entre 2002 e 2003, dentre as diferentes categorias de bens? Será que a variação do preço médio foi maior entre as matérias-primas ou os produtos industrializados? Qual a especificidade da produção de *commodities* atual?

Para se tentar responder à pergunta central, primeiramente calculou-se a receita em dólares gerada por unidade de produto, dividindo-se o valor FOB total exportado por categoria de bens pela quantidade física (*quantum*), no ano de 2002 e 2003. Calculou-se a variação deste indicador no período em estudo. Na Tabela 1 representa-se o resultado sintético desta estimativa.

O comportamento das exportações brasileiras - revisitando Prebisch

Prebisch (1949) apresentou dados empíricos no seu artigo "O Desenvolvimento Econômico da América Latina e Alguns de Seus Problemas Principais", demonstrando a desigualdade nas relações de troca entre produtos agrícolas e industriais. Tomando por base uma série de 70 anos (1876-1947), Prebisch demonstra que os preços relativos dos produtos agrícolas vão decrescendo em relação aos industriais. Em 1947, determinada quantidade de produtos agrícolas só poderia ser trocada por 68% da quantidade de produtos industriais que poderia comprar entre 1876-80.

Segundo estudos da Funcex (2004b), apesar do aumento de 21% na receita de exportação brasileira em 2003, em comparação com 2002, as vendas externas apresentaram queda de rentabilidade de 10% em média, atribuída à valorização nominal do câmbio e à inflação dos preços no atacado. De acordo com o referido estudo, em 2002 as exportações tiveram uma elevada rentabilidade devido à excepcional alta do dólar, cuja taxa média atingiu R\$ 3,10/US\$. Por sua vez, em 2003, quando se acalmaram as especulações relativas à política econômica a ser seguida pelo recém eleito governo Lula, a taxa de câmbio nominal média anual ficou em R\$ 2,90/US\$ (FUNCEx, 2004b).

A perda de rentabilidade foi mais elevada nos setores que registraram queda nos preços de exportação em 2003, justamente os produtos manufaturados, como foi constatado por Tavares (2003). De acordo com a Funcex (2004b), o índice de preços dos produtos manufaturados vem registrando queda quase contínua desde 1996, acumulando, desde então, uma perda de 18%. Como exemplo de redução de rentabilidade em 2003, aparecem os equipamentos eletrônicos (queda de 29% na rentabilidade), máquinas e tratores (baixa de 17,9%), material elétrico (menos 15,5%) e veículos automotores (menos 15,1%). De outro lado, em alguns setores produtores de *commodities*, a forte recuperação dos preços compensou quase totalmente os efeitos negativos do

câmbio e da inflação, gerando quedas discretas na rentabilidade. De acordo com o estudo, foi o caso do café (menos 1,1%), óleos vegetais (menos 1,1%), refino de petróleo (menos 2,6%) e siderurgia (menos 4,5%).

Façamos uma reflexão sobre o desempenho das contas externas à luz da abordagem de Prebisch (2000). Segundo esse autor, no processo cíclico havia uma disparidade contínua entre a demanda e a oferta globais por bens de consumo produzidos nas economias centrais. Na fase de expansão, a demanda ultrapassa a oferta e, na fase de contração, ocorre o contrário. O lucro aumenta na fase de expansão, compensando o excesso de demanda através da alta dos preços. Decresce na fase de contração, contrabalançando o excesso de oferta com a redução de preços. No período de expansão, há transferência de lucro do centro para os produtores de bens primários da periferia, como deve ter ocorrido com as grandes empresas produtoras de *commodities* agrícolas em 2003. Nessa fase, os preços dos produtos primários tendem a subir mais acentuadamente do que os preços de produtos finais, em função do tempo necessário para aumentar a produção primária. Esse processo ocorreu em 2003, quando a balança comercial do Brasil acabou se beneficiando da conjuntura favorável aos produtos agrícolas.

Todavia, segundo Prebisch (2000), os preços de produtos primários descem com maior rapidez nos momentos de desaceleração econômica, de tal forma que a diferença entre os preços de produtos de consumo final e de produtos primários vai aumentando gradualmente através dos ciclos. Durante a fase ascendente, nas nações industrializadas, uma parte dos lucros ia-se transformando em aumento de salários, devido à concorrência dos empresários entre si e pela pressão exercida em todos eles pelas organizações trabalhistas. Quando na fase de contração, o lucro é reduzido: a parte que se transformou nos aumentos salariais não volta a se transformar em lucro, devido à conhecida rigidez dos salários à baixa, nos países centrais, onde os trabalhadores e sindicatos são organizados. A pressão para reduzir salários se transfere à periferia, onde estes são menos rígidos à queda, bem como os lucros, em virtude das limitações da concorrência entre os empresários. Dados empíricos parecem indicar que os ajustes da economia brasileira continuam se dando à custa da redução dos salários reais e queda do lucro. Apesar do bom desempenho do setor externo em 2003, foi constatada uma sensível queda na rentabilidade das exportações (FUNCEX, 2004a). Houve, também, uma redução da demanda interna, que pode ser demonstrada pela retração da absorção interna - gasto ou consumo dos residentes - em 2,88%¹, como consequência da contração do PIB em 0,25%.

¹ Fez-se uma estimativa da absorção interna, ao se descontar do PIB as exportações, que equivalem à parcela do PIB consumida pelos não residentes, e acrescentar as importações, que equivalem ao consumo dos residentes em bens produzidos externamente.

O setor exportador na Bahia – período 2002/2003

A pauta de exportações como espelho do processo de industrialização - revisitando Gerschenkron

A pauta de exportações da Bahia reflete, grosso modo, a história do seu processo de industrialização, primeiramente concentrado na produção de bens intermediários. Os produtos químicos e petroquímicos respondem por, aproximadamente, 25% das vendas externas (Tabela 1). O ciclo inicial de industrialização ocorreu no final dos anos 70, com a implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari, induzido pela política nacional de industrialização, que visava a diminuir a dependência da indústria doméstica em insumos importados e reduzir as desigualdades regionais. Ocorre num período em que se completava o ciclo de industrialização por substituição de importações. O estado da Bahia foi escolhido como local para instalação do pólo petroquímico por ser, àquela época, o único produtor de petróleo, por já contar com uma refinaria, com um porto no meio da costa brasileira e, finalmente, pela sua localização entre a região sudeste e norte-nordeste (GUERRA, 2001). Podendo inferir-se daí que o modelo de industrialização foi basicamente exógeno, ou voltado para a exportação, principalmente para outras regiões do Brasil.

Seguindo essa linha de investigação, o processo de industrialização da Bahia, ocorrido a partir de meados da década de 70, não foge às características básicas apontadas pelo economista Gerschenkron, em 1973, destacadas por Fernandes (1999), inerentes ao padrão de industrialização tardia das sociedades mais atrasadas:

1. a industrialização começa de forma descontínua e assume a forma de um grande surto com ritmos elevados de crescimento;
2. dá-se prioridade, no esforço de industrialização, às fábricas e empresas de grande porte;
3. a produção industrial é focada nos bens de produção em detrimento dos bens de consumo;
4. há uma forte pressão para conter o nível de consumo da população;
5. fatores institucionais especiais (como a intervenção ativa do Estado) desempenham papel decisivo na oferta de capital para as novas indústrias;
6. a agricultura não desempenha papel ativo no processo de industrialização, seja como mercado para a produção industrial, seja como zona para elevação do trabalho.

Pode-se inferir que o primeiro ciclo de industrialização, ocorrido no estado da Bahia a partir de meados da década de 70, apresenta características

semelhantes às apontadas por Gerschenkron. Trata-se de um processo predominantemente exógeno, conduzido pelo Estado, em que a atração de grandes empreendimentos vindos de fora do estado funcionam como a força motora do processo. Em contrapartida, um processo endógeno seria aquele motivado espontaneamente, ou não, principalmente pelas forças de mercado internas ao sistema econômico, com pouca intervenção do Estado.

Voltando às reflexões de Gerschenkron. Quanto à agricultura, pode-se afirmar que a produção de alimentos destinados ao consumo da população não desempenhou papel ativo no primeiro ciclo de industrialização da Bahia. A agricultura se caracterizava pela cultura de subsistência, de baixa produtividade. A partir dos anos 1970, a agricultura de exportação (cana-de-açúcar, cacau, fumo, sisal etc.) também vai perdendo o dinamismo e peso que possuía quando a economia era eminentemente agroexportadora.

A década de 1980 foi marcada por uma fase de crise na economia nacional e pela insustentabilidade de um modelo de desenvolvimento baseado numa forte intervenção do Estado, em virtude, sobretudo, da crise do seu padrão de financiamento. Aliados a esses fatores, no início dos anos 90, novos requisitos locacionais, a abertura econômica e a reestruturação produtiva tenderam a dificultar a competitividade da indústria baiana. A reestruturação produtiva passa a valorizar a existência de um ambiente institucional propício ao conhecimento, à pesquisa e inovação, fundamentais para a criação e manutenção da competitividade sustentável setorial (MENEZES, 2000).

O processo de estabilização econômica, dos anos 90, criou condições para um novo ciclo de investimento na economia brasileira. A partir daí estruturou-se um padrão espacial de crescimento, induzido substancialmente pela abertura comercial. Nesse contexto, a Bahia passa a utilizar a renúncia fiscal como instrumento para influenciar nas decisões de alocação de recursos, abrindo espaço para a operação de políticas regionais na atração de investimentos.

Nos últimos anos, os investimentos ocorridos no estado da Bahia podem ser caracterizados pela seguinte tipologia, segundo Menezes (2000): expansão da base produtiva anterior; foco em bens de consumo; verticalização com adensamento e articulação de cadeias produtivas. A partir de tais investimentos, modifica-se em parte o perfil setorial.

O complexo metal-mecânico foi o que recebeu maior volume de investimentos, devido ao Complexo Automotivo Ford. Esse investimento proporciona um efeito encadeador na economia baiana, fortalecendo a integração dos sistemistas e produtores de autopeças. Afora os investimentos da Ford, outros empreendimentos apontam para uma maior verticalização da cadeia metal-mecânica e em direção à produção de bens de consumo final.

No Complexo Químico/Petroquímico, ressalta-se a implantação da fábrica de matérias-primas para a produção de herbicidas da Monsanto e, no complexo agroalimentar, destaca-se a produção de derivados de grãos e oleaginosos, produção de rações e carnes diversas, e de bebidas.

Embora a Bahia tenha o mais elevado produto industrial do Nordeste, por ser muito concentrada, sua indústria de transformação gera menos empregos diretos que as do Ceará e de Pernambuco individualmente. Enquanto naqueles estados estão registrados, pela Relação Anual das Informações Sociais - Rais (2001), do Ministério do Trabalho, respectivamente 139 mil e 135 mil postos de trabalho diretos na indústria de transformação, na Bahia há apenas 107 mil.

A concentração industrial reflete-se também na pauta de exportações. De acordo com levantamento do Promo – Centro Internacional de Negócios da Bahia (2004), baseado em dados estatísticos da Secex de 2003, na Bahia existem, aproximadamente, 380 empresas exportadoras, das quais, as 6 maiores responderam por 51,16% do faturamento exportador e, as 60 maiores, por 90%. Logo, as 320 empresas restantes, ou seja, 84% do número de empresas, responderam por apenas 10% da receita das vendas externas em 2003. No que se refere ao setor externo, o ano de 2003 foi excepcional para o Brasil e também para a Bahia, cujas exportações cresceram 35% em relação a 2002 (Tabela 1).

A partir do século XXI, a pauta de exportações vem se tornando mais diversificada, como reflexo dos grandes projetos atraídos para o estado, a exemplo do Complexo Ford Nordeste e do projeto Veracel, voltado à produção de celulose na região sul do estado. Os produtos agrícolas, provenientes do agronegócio, ganharam também nova dimensão.

O bom desempenho das exportações da Bahia pode ser atribuído aos fatores mencionados, que concorreram para o aumento das vendas externas do Brasil, bem como à consolidação dos empreendimentos industriais implantados no estado nos últimos dois anos. Estes têm contribuído para a diversificação da pauta, com a expansão das exportações de bens de consumo durável e não-durável. O Complexo Ford Nordeste já responde por 12,23% das exportações baianas, com US\$ 398,7 milhões em 2003 (Tabela 1). O principal destino destas vendas foi o México, que absorveu US\$ 290,5 milhões, ou seja, quase 73% deste total (PROMO, 2004). As vendas externas do segmento calçadista atingiram quase US\$ 27,8 milhões em 2003, com um aumento de 66,45% em relação ao ano anterior.

Verifica-se que as exportações baianas de grãos cresceram 38,98% entre 2002/2003; as de sisal e derivados, 56,16%; frutas e suas preparações, 52,76%. A significativa expansão dessas rubricas, decorre da boa safra, da elevação dos preços internacionais das *commodities* agrícolas, do incremento da demanda por produtos do agronegócio, principalmente grãos. No que se refere ao cacau,

TABELA 1
PRINCIPAIS SEGMENTOS EXPORTADORES DO ESTADO DA BAHIA

	US\$ FOB		Variação	(1)	(1)	(2)	(3)
	Mil	Mil		FOB/	FOB/	FOB/	Part.
	2002	2003		2002/2003	Quantum	Quantum	Quantum
Químicos e Petroquímicos	659.754	800.578	21,34	0,60	0,64	5,87	24,57
Derivados do Petróleo	421.911	609.267	44,41	0,16	0,19	19,43	18,70
Veículos e suas partes	115.608	398.673	244,85	7,01	6,77	-3,52	12,23
Papel e Celulose	229.078	262.050	14,39	0,44	0,47	8,39	8,04
Metalúrgicos	246.173	249.806	1,48	0,80	0,66	-17,21	7,67
Cacau e Derivados	134.504	213.271	58,56	2,34	2,80	19,80	6,54
Grãos, óleos e ceras vegetais	115.711	160.810	38,98	0,19	0,20	7,65	4,93
Minerais	102.546	104.008	1,43	0,57	0,52	-8,80	3,19
Frutas e suas preparações	52.685	80.482	52,76	0,69	0,75	9,61	2,47
Couros e peles	48.292	58.455	21,04	3,57	4,20	17,67	1,79
Sisal e derivados	34.531	53.925	56,16	0,37	0,46	22,92	1,65
Consumo de Bordo	41.924	43.868	4,64	0,16	0,19	19,99	1,35
Café e especiarias	51.263	39.019	-23,88	1,30	1,00	-22,54	1,20
Móveis e semelhantes	17.916	28.966	61,68	6,12	5,83	-4,81	0,89
Calçados e suas partes	16.726	27.840	66,45	11,97	12,52	4,62	0,85
Pesca e Aquicultura	23.594	27.053	14,66	4,90	4,54	-7,41	0,83
Máquinas e materiais elétricos	18.551	19.767	6,55	2,49	2,39	-4,08	0,61
Algodão	11.365	18.135	59,57	0,89	1,11	24,16	0,56
Fumo e derivados	14.616	17.263	18,11	5,12	4,30	-16,03	0,53
Demais segmentos	53.289	45.536	-14,55				1,40
Total	2.410.037	3.258.772	35,22	0,38	0,45	20,18	100,00

Fonte: MDIC/Secex – Ministério do Desenvolvimento Industrial e Comércio Exterior/Secretaria de Comércio Exterior. Dados coletados em 19/01/04 através do Promo Centro Internacional de Negócios da Bahia. Elaboração dos autores.

Notas:

1. Valor FOB exportado/quantum exportado
2. Variação do valor médio (US\$ FOB/quantum) exportado entre 2002 e 2003
3. Participação percentual de cada segmento sobre o valor FOB total exportado em 2003

além do mercado internacional ter sido favorável, a recuperação da lavoura contribuiu para um aumento de 58,56% das exportações em 2003, em relação a 2002. Verifica-se que a receita em dólares da categoria cacau, dividida pelo *quantum* exportado, cresceu quase 20% entre 2002 e 2003 (Tabela 1).

Ao analisar a Tabela 1, pode-se constatar que os segmentos de maior peso na pauta de exportações da Bahia, que são *commodities* agrícolas e bens intermediários industriais, aumentaram de preço em 2003, em relação a 2002. O preço médio dos químicos e petroquímicos aumentou em 5,87%. Estes

respondem por quase 25% do valor FOB e são predominantemente constituídos por matérias-primas para a indústria de transformação. O valor FOB US\$/*quantum* dos derivados de petróleo, que corresponderam a 18,70% das exportações em 2003, cresceu 19,43%. O valor médio FOB exportado aumentou também nos segmentos: papel e celulose, em 8,39%; cacau e derivados em 19,80%; grãos (principalmente soja), em 7,65%; frutas, em 9,61%; consumo de bordo, em 19,99% (Tabela 1). Verifica-se uma queda no valor médio FOB dos segmentos: veículos (-3,52%); metalúrgicos (-17,21%); minerais (-8,80%); café e especiarias (-22,54%); móveis e semelhantes (-4,81%); pesca e aqüicultura (-7,41%); máquinas e materiais elétricos (-4,04%); fumo e derivados (-16,03%).

Não se pode afirmar, todavia, que há uma contradição entre os conceitos introduzidos por Prebisch e o desempenho da balança comercial da Bahia/Brasil no período em estudo, embora os preços dos produtos manufaturados venham se reduzindo. O ciclo internacional favorável às *commodities* agrícolas e industriais pode ser atribuído, dentre inúmeras outras variáveis, à intensificação do processo de industrialização da China, provocando um aumento da demanda por matérias-primas e insumos para a indústria. Todavia a volatilidade dos preços desta categoria de produtos é muito grande, o que torna a sustentabilidade das exportações frágil. Os preços das *commodities*, como o cacau e a soja, oscilam muito. Segundo Franco e Soares (2004), a gripe de aves que provocou a queda no consumo de frango na Ásia causará redução na demanda chinesa pela soja em 2004. Concomitante, o aumento nos preços de frete prejudicou o mercado de grãos. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) também prevê queda nas importações de soja da União Européia em 2004. Por sua vez, neste começo de ano, a industrialização do gigante chinês está levantando os preços do aço, cobre e outros minerais básicos. Essas questões apontam para a complexidade das dinâmicas dos mercados, dos fatores competitivos dinâmicos e, portanto, para os limites das análises respaldadas nessas informações.

As principais cadeias produtivas encontradas na indústria baiana

A maioria das cadeias produtivas está concentrada na produção de bens básicos. Dentro das Frutas e suas Preparações, as exportações de sucos e polpas (PROMO, 2004) são pouco significativas (US\$ 4,7 milhões) e participam da pauta com apenas 0,15. No segmento Couro e Peles (Tabela 1), as vendas externas de artefatos de couro, produtos acabados, são insignificantes. A instalação de novos curtumes, a exemplo da Mastroto, em Cachoeira, de origem italiana, contribuiu para o aumento das exportações do grupo peles e couros. Esta empresa está dentre as 20 maiores exportadoras do estado.

O papel e celulose têm como principal produto a pasta de madeira (Tabela 1). Dentre os metalúrgicos, o mais importante é o cobre, seguido do ferro liga. Dentre os minerais, os preciosos tiveram peso significativo em 2003. As exportações de ouro atingiram US\$ 33 milhões em 2003. A elevação do preço do ouro motivou a reabertura da jazida encontrada no município de Jacobina, cujas atividades estão sendo retomadas em 2004, com um investimento total de US\$ 5 milhões. Deverá gerar mil empregos diretos na região no decorrer do ano de 2004. Segundo informações da *Desert Sun Mining Corporation*, empresa canadense responsável pela exploração da mina, sua folha de pagamento já ultrapassa R\$ 1,0 milhão desde janeiro deste ano. O empreendimento trará inevitavelmente maior dinamismo à economia local, que tem forte identidade com as atividades ligadas à mineração. Esse trabalho não levantou informações referentes aos possíveis impactos ambientais e à sustentabilidade do projeto no longo prazo.

No grupo do Café e especiarias (Tabela 1), o café em grãos e o cravo-da-índia são os principais produtos. A queda das exportações deste grupo, de US\$ 51,2 milhões em 2002 para US\$ 39 milhões em 2003, foi provocada, principalmente, pela redução das exportações de cravo-da-índia, de US\$ 21 milhões em 2002, para US\$ 3,4 milhões em 2003, cujo valor médio pelo *quantum* exportado teve uma queda acentuada (-72,57%). Os preços internacionais desta especiaria despencaram em 2003.

Pode-se perceber que, na cadeia têxtil, as exportações de algodão aumentaram em 59,56% em 2003, saltando de US\$ 11 milhões, em 2002, para US\$ 18 milhões, em 2003 (Tabela 1). As exportações de produtos acabados do vestuário, por sua vez, são irrisórias. Estão se empenhando esforços para exportar artigos da moda praia, com a criação do consórcio de exportação Bahia Beach, apoiado pelo Promo (2004) e pela Apex, num projeto setorial integrado. Os valores exportados ainda são poucos significativos (US\$ 143 mil em 2003), mas a formação do consórcio de cinco empresas, com uma única marca Bahia Beach, é um caso bem sucedido de exportação de pequenas empresas em condomínio.

O elevado crescimento das exportações de móveis, de US\$ 17 milhões para US\$ 28,9 milhões (Tabela 1), pode ser atribuído à instalação da Italsofa, do grupo Natuzzi, maior fabricante italiano de móveis de couro de alta qualidade, no Centro Industrial de Aratu. Com um investimento inicial da ordem de R\$ 24 milhões, o grupo está investindo mais R\$ 10 milhões na duplicação da fábrica, a ser concluída em 2004. Por enquanto toda a sua produção de sofás é direcionada à Costa Leste dos Estados Unidos, para onde são destinados, em média, cinco containeres/dia, o equivalente a seis navios por mês. Atualmente, o empreendimento gera cerca de 700 empregos diretos. A empresa encontra-se entre as 25 que mais exportaram em 2003.

A pauta de exportações pode sinalizar as transformações estruturais, ou um retrato, um instantâneo estático, da indústria local. Não cabe aqui analisar cada cadeia produtiva ou produto, mas os resultados apurados podem servir de ponto de partida para a identificação de segmentos emergentes. Está ocorrendo um processo de crescente diversificação das exportações baianas, embora não apareçam produtos de elevado conteúdo tecnológico. Houve expressiva entrada de novas empresas no mercado internacional. Em 2002, 250 empresas baianas realizaram exportações. Em 2003, esse número aumentou para 380 (PROMO, 2004). O Estado tem boas condições naturais para a operação portuária, com suas baías naturais, e está situado no meio da costa do Brasil. O governo do estado tem feito esforço para atrair empresas com potencial exportador, a exemplo da indústria de calçados, da Ford, da Monsanto etc.

Para compensar as incertezas com a volatilidade dos preços internacionais, e dar maior sustentabilidade às exportações, é preciso se resolver com urgência a questão de infra-estrutura. As dificuldades de transporte estão emperrando o escoamento da produção. Deve-se identificar mecanismos de apoio para a integração das cadeias produtivas, já que as políticas públicas continuam desempenhando um papel importante no processo de industrialização do estado.

Ficou constatado que no mundo há uma tendência à “comoditização” de quase todos os produtos. Os ganhos de escala levam inevitavelmente à queda de preços. A chave para a questão está em criar condições para que os setores mais competitivos sejam capazes de continuar expandindo suas exportações, mesmo diante de uma maior demanda interna e de um câmbio menos favorável.

Através da pauta de exportações, disponibiliza-se um referencial para pesquisas setoriais. Suas informações podem respaldar estudos para a definição de prioridades de uma política industrial para o estado.

A importância do desenvolvimento tecnológico para a expansão do agronegócio

Estudos realizados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (GASQUES et al, 2004), apontam uma série de fatores que contribuíram para o fortalecimento e competitividade do agronegócio brasileiro e que merecem uma análise especial.

Dias e Amaral (2000) construíram um índice de poder de compra para medir a lucratividade, multiplicando a relação de trocas pela produtividade da agropecuária. Constataram que o poder de compra da agropecuária cresceu cerca de 59%, de 1987 a 1998. Nesse sentido, o atual desempenho da agropecuária é resultado de um processo que vem ocorrendo há alguns anos.

Outro indicador importante é a Produtividade Total dos Fatores, que relaciona todos os produtos da agropecuária e todos os insumos utilizados no processo produtivo. Essa medida expressa o crescimento do produto que é devido ao uso mais eficiente dos fatores de produção. Seu crescimento deve-se à melhoria da qualidade do trabalho e do capital físico, de modo que se obtém mais produto com uma mesma quantidade de insumos.

Segundo Dias e Amaral (2000), houve ganho sistemático de produtividade na agricultura, desde o final dos anos 80. A produtividade média do período 1996-98 foi de 22% superior à de 1997, no setor de lavoura, 24% em produtos animais e 23% em agropecuária. Esses ganhos se devem, fundamentalmente, à tecnologia e às novas formas de organização e gestão do agronegócio.

A contribuição da pesquisa à expansão do agronegócio relaciona-se com o aumento da produção agrícola e da pecuária nos últimos anos, o que garantiu uma oferta crescente de produtos e matérias-primas. A produção nacional de grãos tem crescido a taxas médias anuais elevadas – 9,49% em 2003 (GASQUES et al, 2004). Esse aumento decorre principalmente do crescimento da produtividade, uma vez que a área pouco se alterou, conforme dados do IBGE. Do mesmo modo, tem crescido a produção animal: entre 1990 e 2002, a produção da avicultura aumentou 223%; da bovinocultura, 125%; do pescado, 68%; do leite, 45% (PINAZA, 2003 apud GASQUES et al, 2004).

Um trabalho recente de Bonelli (2002) vem confirmar a importância da pesquisa no desenvolvimento do agronegócio. Ele mostrou que novas áreas de expansão, como Balsas, no Maranhão; Pólo Açu-Mossoró, no Rio Grande do Norte; Petrolina, em Pernambuco; Rondonópolis, em Mato Grosso; e Rio Verde, em Goiás, fazem parte de uma revolução invisível, realizada especialmente pela pesquisa. Essas áreas, especializadas na produção de grãos e de frutas para exportação, apresentaram, segundo estimativas do autor, taxas de crescimento do PIB do setor primário muitas vezes superiores à do PIB dos respectivos estados, como também às de outros setores.

Agências públicas de pesquisa e setor privado disponibilizaram, para uso comercial, no período de 1976 a 1999, 330 variedades de soja, uma média de 13,8 variedades por ano. Um total de 75 novas variedades de feijão foi oferecido no Brasil, de 1984 a 1999, uma média de 4,7 variedades por ano; e 35 variedades de arroz de terras altas, de 1976 a 1999, média de 1,5 variedade por ano. Em 2002, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) lançou 5 cultivares de feijão, 4 variedades de arroz, 3 de milho, 10 de soja, 7 de trigo e 3 de algodão (ALSTON, 2001, apud GASQUES et al, 2004). Cerca de um terço das variedades de feijão foi colocado à disposição por outras agências de pesquisa pública, principalmente instituições públicas dos estados.

O setor privado tem desempenhado também um significativo papel no desenvolvimento de variedades de soja. Cerca da metade das variedades de soja disponibilizadas no Brasil, no período de 1976 a 1999, veio do setor privado (ALSTON, 2001, apud GASQUES 2004).

Ressalte-se que a Embrapa, ao desenvolver pioneiramente variedades de soja adaptadas ao ecossistema do cerrado, introduziu uma ruptura tecnológica, o que possibilitou a ampliação da fronteira agrícola para áreas antes consideradas inadequadas. Essa inovação significa que o Brasil é, hoje, um dos poucos países do mundo com possibilidades efetivas de ampliação de sua área agrícola. O bem sucedido trabalho da Embrapa deve-se a um conjunto de transformações que a empresa vem implementando para o aperfeiçoamento de sua ação em Pesquisa e Desenvolvimento.

A análise da produtividade total dos fatores aponta o papel da tecnologia no comportamento do agronegócio, e da Embrapa como líder na geração e na difusão de inovações para o setor, responsável direta pela possibilidade de expansão da fronteira agrícola para as regiões de cerrado. Transformações nesse nível demandam investimentos e a constituição de capacitação que precisa ser mantida e difundida para outras áreas do país, numa ação articulada entre as várias esferas de governo. O objetivo desse item foi apontar para a importância de políticas industriais, de inovação e exportação articuladas, na perspectiva do desenvolvimento regional.

As mudanças na pauta de exportação da Bahia não refletem só um momento conjuntural, mas são também a expressão de mudanças estruturais nos setores industriais e do agronegócio que precisam ser fortalecidas e integradas para a criação de uma dinâmica local sustentável.

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo discutir as mudanças recentes da pauta de exportação da Bahia e sua relação com as mudanças de fundo estrutural da indústria. O trabalho teve como questão de fundo a colocação feita pela professora Maria da Conceição Tavares, ressaltando as especificidades dos elementos que distinguem o atual processo de internacionalização daqueles observados em etapas anteriores do capitalismo. Chama a atenção para os efeitos assimétricos desse movimento sobre as economias periféricas. Segundo a professora, a brutal concorrência internacional entre os produtos manufaturados fez com que houvesse uma deflação de preços industriais. As relações de troca acabaram favorecendo as *commodities* agrícolas e as matérias-primas. Segundo Tavares (2003), isto é uma anormalidade do ponto de vista da teoria centro-periferia, cujo mentor foi o economista argentino Raul Prebisch.

Embora concordemos com a Professora sobre a queda dos preços dos produtos industrializados, movidos pela acirrada competição, acreditamos que a elevação dos preços das *commodities*, ou de produtos ligados ao agronegócio, tem uma dinâmica específica nesse momento, na medida em que estão também sujeitos à grande concorrência internacional, e a sua crescente participação reflete também um esforço de longo prazo em pesquisas e novas técnicas de organização e gestão da produção.

A pauta de exportação da Bahia, hoje, tem, em linhas gerais, as mesmas características da pauta de exportação do Brasil, contudo, apresenta maior dinamismo. Como no Brasil, suas exportações se concentram em poucas empresas, muitas das quais estrangeiras. Nota-se, porém, na Bahia, um número crescente de pequenas e médias empresas no esforço de exportar. A reestruturação produtiva baiana parece redefinir um novo caminho de industrialização. Mas é ainda prematuro afirmar que as mudanças percebidas através da análise do comportamento da pauta de exportação, como nos anos 1970-80, rompem com as características apontadas por Gerschenkron para as economias de industrialização tardia. Estudos mais detalhados sobre a dinâmica das cadeias produtivas e dos novos instrumentos institucionais precisariam ser realizados para se perceber a sustentabilidade e dinâmica de tais mudanças.

O trabalho procurou apontar que as transformações recentes, da última década, abrem um potencial de desenvolvimento regional e inclusão social. Para tanto, aponta-se a importância de um sistema coordenado de políticas públicas, no sentido de consolidar essa tendência e criar as bases de sustentabilidade com melhoria da capacitação produtiva, valorização da cultura e história local, com aumento de emprego, renda e consumo. Esse é um esforço de longo prazo, que exige um sistema de coordenação e orquestração, pelo Estado, dos atores sociais envolvidos.

Referências

BAUMANN, R. Os desafios da exportação. In: *Painel Exportação e Competitividade*. BNDES, 2001. Disponível em: <www.bndes.gov.br>. Acesso em: 17 set. 2002.

BONELLI, R. Impactos econômicos e sociais de longo prazo da expansão agropecuária no Brasil: revolução invisível e inclusão social. In: Seminário sobre os Impactos da Mudança Tecnológica do Setor Agropecuário na Economia Brasileira, documento n. 5, 2002, Brasília. *Anais...* Brasília: Embrapa, 2002.

DIAS, G. L.; AMARAL, C. M. Mudanças estruturais na agricultura brasileira, 1980-1998. In: BAUMANN, Renato (Org.). *Brasil: uma década em transição*. Rio de Janeiro: Cepal/Campus, 2000.

FERNANDES, Manuel. Rússia: do capitalismo tardio ao socialismo real. In: FIORI, J. L.

(Org.). *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. RJ, Petrópolis: Vozes, 1999.

FUNCEX - FUNDAÇÃO CENTRO DE ESTUDO DE COMÉRCIO EXTERIOR. Boletim Funcex de Comércio Exterior. Ano VIII – n 1, jan. 2004. Funcex, 2004a.

_____. Boletim Setorial Funcex. Ano VIII - nº 1, Janeiro, Fevereiro e Março de 2004. Funcex, 2004b.

GASQUES, J. G. et al. *Desempenho e crescimento do agronegócio no Brasil*. Brasília: IPEA, fev. 2004. Disponível em: <www.ipea.gov.br>. Acesso em: 23 abr. 2004. (Texto para Discussão, n. 1.009).

GUERRA, O. A indústria baiana no século XIX: desafios e oportunidades. *Cadernos de Análise Regional*. Publicação do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas 2. Ano IV – Número 4. maio de 2001.

PREBISCH, Raul. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (Org.). *Cinquenta anos de pensamento da Cepal*. Rio de Janeiro: Record, 2000. v. 1.

PROMO – Centro Internacional de Negócios da Bahia. Pesquisa direta. Promo, 2004. Disponível em: <www.promobahia.com.br>. Acesso em: 25 maio 2004.

RAIS – Relação Anual das Informações Sociais. Ministério do Trabalho. Rais, 2001. Pesquisa direta www.mte.gov.br/caged, em 20 de março de 2004.

SOARES, P; FRANCO, L.; BLOOMBERG NEWS. *Para USDA, safra de soja será 2,4% menor*. Jornal Gazeta Mercantil, 11 mar 2004. p. B-12.

SPÍNOLA, V. *Análise de Resultados: Janeiro a Dezembro de 2003*. <<http://www.promobahia.com.br/doc/resultados/index.asp>>. Acesso em: 30 maio 2004.

TAVARES, M. C. Globalização assimétrica. *Revista Carta Capital*, ano X, n. 272, p. 70-71. 24 dez. 2003.

TEIXEIRA, F. *Breve referencial teórico*. NPGA: Escola de Administração, 1993. Disponível em: <www.adm.ufba.br/teixeira/index.html>. Acesso em: 09 dez. 2003.